

A INVASÃO

Ten. Cel. LIMA FIGUEIREDO

O dia "D" chegou e chegou mais depressa do que muitos esperavam.

Foi uma alegria em todo o mundo. Parecia que o difficil começo da invasão já era recebido como o fim vitorioso. Aquele imenso regozijo, era a expressão da confiança ilimitada que os povos das nações unidas nutrem pelos soldados de Eisenhower e de Montgomery, expressões máximas da inteligência e do valor militares dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Pode-se considerar hoje Eisenhower um dos grandes condutores de massas, um general de larga visão estratégica. Sua atuação no desembarque em Alger, Oran e Casablanca foi estupenda; congregou a operação militar com a maquinação política, de modo que fosse utilizada com vantagem a colaboração da França de Giraud e de Darlan, porque menor fossem os dias de resistência, pequena a mortandade e mais rapidamente obtido o êxito da operação. O simpático chefe americano foi excelente soldado e melhor diplomata. Sem diminuir a impetuosidade da peleja, alhanou todas as dificuldades e prosseguiu na investida decidida contra a Tunisia, onde iria encontrar-se com o glorioso VIII Exército Inglês, de Montgomery, para, juntos expulsarem os nazi-fascistas da gleba norte-africana.

A posse do Continente Negro deu ao mundo um desafogo; capacitou aos países do hemisfério ocidental a certeza de que suas terras não seriam invadidas. O feito de Eisenhower teve um largo alcance estratégico, considerado êste termo na sua mais lata acepção. O Brasil viu o perigo afastar-se para muito longe e quase desaparecer. A preocupação de que Dakar poderia cair em mãos alemães e servir de trampolim para um assalto a Natal foi totalmente esquecida.

A derrota alemã no norte da Africa teve uma repercussão muito maior do que a vitória russa em Stalingrado e o avanço soviético até as terras da Rumania e da Polonia.

Não quero estabelecer paralelo e sim tirar conclusões da verdade dos fatos. Duas foram as investidas germânicas em direção do Oriente Próximo — uma pelo sul do Mediterrâneo, visando a posse no Canal de Suez; outra pelo Cauçaso, quiçá com objetivo de ir ao

Iran e ao Iraque. O êxito dessas operações talvez influísse na atitude da Índia que, vendo os eixistas de posse de duas chaves do mundo — Singapura e Suez — facilitasse a ação dos nipônicos já de posse de toda a Birmânia.

Para que o plano surtisse efeito uma coisa era primacial: a tomada de Suez. Von Rommel tudo fez para realizá-la, mas encontrou pela frente um homem de rara energia, que soube embargar seus passos, na faixa de terreno compreendia entre a depressão de Quatara e o mar, nas portas da Alexandria. Montgomery fncou o pé, dando um fim à série de fluxos e refluxos, de avanços e recuos, através do areal infindo, conseguindo levar o inimigo até Tunis.

Se o desembarque de Eisenhower na Africa deu ao Continente Americano um ambiente de segurança, a resistência de Montgomery em El Alamein não permitiu que o equilíbrio político fosse roto na Asia Menor e na Índia. As duas vitórias tiveram efeito incontendível na marcha da guerra, influíram de modo impressionante na política internacional de todo o globo.

Stalingrado e o avanço soviético tiveram apenas repercussão local, se bem que ferissem profundamente o inimigo. Foi um evento que redundou na recuperação, pela União Soviética, de quase todo seu território e que muito teria contribuído para quebrar o ânimo combativo do inimigo.

A vitória africana permitiu a tomada da Sicília e a invasão da península Itálica, seguida do domínio quase absoluto do mar Mediterrâneo. O controle das águas desse mar interior foi a segunda grande passada do triunfo, levada a efeito por americanos, franceses e ingleses.

Hitler encastelara-se na sua fortaleza, imaginando um meio de regatear o preço da derrota. É libertada a Cidade Eterna — Roma — e todo o mundo católico ufana-se com mais êsse extraordinário feito dos aliados democratas. A perda de Roma teria contribuído de maneira inelutável para o desânimo, se não do povo alemão, mas, certamente, das nações caudátarias. Os bravos combatentes franceses do General Juin mostraram aos italianos o reverso da medalha, lembrando-lhes o golpe sem FAIR PLAY que Mussolini dera na França, atacando-a pelas costas e muito abalada, em 1940.

Além de tudo isso, os bombardeios sistemáticos e pesados não passavam. Era um chover de bombas e torpedos sem cessar, em todo o chão da Alemanha. Se bem que grande fosse o preparo psicológico dos nazistas, seus sofrimentos devem ter chegado agora, ao "saturation point". Essa chuva continua de fogo é terrificante; será possível que no fundo do coração daquela gente não se aninhe a esperança, o desejo de um arrebol de paz?

— Parece que não.

A luta continua. A propaganda nazista é mais poderosa do que todas as torturas e sofrimento impostos ao povo pelos bombardeiros. Falava-se na invasão da Europa. E os agentes da propaganda afirmavam: — “Queremos mesmo que eles voltem. Será a nossa vitória final. Repetiremos um Dunquerque. Remoraremos aos invasores o exemplo de Dieppe.”

Os elementos encarregados de iludir o sentimento do povo, habilitando-o a sofrer novas agruras, faziam-no crer que desejavam a invasão, por mais forte e poderosa que ela fosse.

A história não fornecia exemplos de invasões, em força, vitoriosas. Somente nas origens da formação da Inglaterra, está registrada a conquista da Bretanha pelos romanos e por Guilherme da Normandia, confirmando uma sentença de André Maurois: — “É difícil, para os povos fracos, permanecerem livres, se se acham ao alcance de uma grande potencia militar”.

Mais tarde, a Inglaterra já era forte. A esquadra de Felipe II, lutando contra os ingleses e a tempestade reinante, foi totalmente esfacelada, dando à Rainha Elisabeth o domínio dos mares.

Napoleão I, no auge do seu poder indiscutível, viu-se impotente para levar a expressão do seu poderio até ao arquipélago britânico. Mil meios foram imaginados para transportar o exército francês às ilhas através da Mancha. Tudo em vão.

Em 1940, Hitler quis vencê-la pela força aérea, num bombardeio arrasador, brutal, mas lutou em pura perda.

A 6 de junho a invasão se processou, em sentido inverso, das ilhas para o continente, enfrentando de frente a chamada “fortaleza europeia”. Paraquedistas desceram na franja litorânea da França que fica “vis à vis” da Inglaterra. Lanchas de transporte de tropa e navios atravessaram o mar sob a ponte aérea construída pelos aviões da Royal Air Force.

Apesar da recepção que os alemães preparavam para os invasores, estes tomaram pé no continente, e, dia a dia, alargam mais as cabeças de praia conquistadas inicialmente.

A operação é difficilima e para ser desencadeada exige uma preparação meticulosa, de modo que tudo se proceda harmoniosamente. Os meios necessários são inúmeros e os efetivos gigantescos. Deve haver uma ligação perfeita entre as tropas de desembarque e os elementos de proteção — navios e aviação. Depois do avanço em terreno inimigo já há de mister uma proteção terrestre. Entrementes, devem ser garantidos os embarques, a navegação e os desembarques, a fim de que não só cheguem mais tropas combatentes, como sejam, sem interrupção alimentados os atacantes tanto com munição de boca como de guerra.

O plano delineado exigiu concepção grandiosa, fruto de muitos dias de locubrações, nas quais todos os fatores de êxito foram pesados e medidos, desde o terreno inimigo, o efetivo, o material bélico, o dispositivo, etc., até as condições meteorológicas.

Eisenhower com seu Estado Maior urdiram os planos e transformaram-nos em ordens e agora acompanham o desenrolar dos acontecimentos, experimentando a sanção do inimigo, para retocar o que imaginaram ou modificá-lo.

A execução da invasão ficou sob a direção competente de Montgomery, General de larga visão e inconfundível energia, capaz de realizar, sob a presença do inimigo, tudo o que foi arquitetado no silêncio enervante dos gabinetes dos estados-maiores.

O plano está em evolução. Só sabemos o que as agências telegráficas nos informam. A progressão, em operações desse tipo, é muito lenta; todavia os aliados já ultrapassaram as previsões registradas nos regulamentos. Outros pontos, quiçá, já estarão eleitos, pelo comando, para novos desembarques, na Dinamarca, nos Países Baixos, no sul da França, para operar seguindo o vale do Ródano etc. Não podemos nada dizer, porque nada sabemos. Devemos, apenas, acompanhar com fé o desenrolar da luta, certos de que os chefes são verdadeiros gênios, a tropa adestrada e de moral levantado, o material de toda espécie abundante. Avultam novos meios de destruição, entre os quais podemos citar os torpedos de gasolina que produzem fantásticas muralhas de fogo e as granadas carregadas de fragmentos metálicos que, arrebentando próximo ao solo, espalham a morte em uma grande superfície.

O Brasil espera o momento de ter a glória de lutar, ombro a ombro, com seus aliados, na restauração do mundo feliz.

Parece estar prestes a derrocada do inimigo e com a invasão recém-iniciada, adquirimos quase a certeza de que o vento da vitória soprará do Atlântico.

A PREFERIDA

Sorteio Gratís!

30 de Setembro

Outra casa de **30 MIL CRUZEIROS**

NA RODA DA SORTE

Direita 2 e Filiais = S. PAULO